

TRANSCRIÇÃO – HISTÓRIA ORAL (4º TRIMESTRE/2018)

00:00:24 – 00:09:35

Bom, a educação escolar indígena, ela era gerenciada pela Funai até os anos 1990. Quando ela era gerenciada pela Funai ela era um pouco precária e arcaica. Os professores não eram indígenas e a educação só se baseava em ensinar o índio a ler e fazer conta, mais nada. Não se investia nisso. Tanto é que quando chegava na 4ª série, que ia pro Arco-Íris [município], a gente tinha uma defasagem muito grande de alunos que, indígenas que desistiam de dar a continuidade nos estudos e não voltavam pra escola, por causa do preconceito, do racismo, é, os não indígenas envergonhavam os indígenas por serem indígenas. Então eles tinham que lidar com toda essa carga e eles não voltavam. A partir dos anos 1990 começou-se uma luta pela, é, pela entrada dos professores indígenas na aldeia. Professores indígenas ensinando indígenas. E daí passou a ser uma grande luta contra a Funai, junto ao MEC, porque a Funai até então não queria ceder, é, o espaço para o MEC. Fizeram até uma, todo um trabalho contra o trabalho do MEC, que não daria certo e tudo. Mas daí nós indígenas começamos a ver, e os caciques, e os pajés, começaram a ver, é, quão seria importante a nossa forma de ensinar pro nosso indígena dentro da nossa aldeia. Porque o indígena, ele é educativo o tempo todo. Todo momento que ele tá fazendo alguma coisa ele tá fazendo aquilo pra criança ver e aprender. Não é só dentro de uma sala de aula. E a preocupação maior era ensinar essas crianças dentro do cotidiano da aldeia, dentro do cotidiano da vida indígena e ensinar eles o valor de ser indígena, porquê ser indígena, o que isso tinha um peso na sociedade, e começar a valorizar ele mais.

Daí em 1993 foi aonde a gente começou a articular alguns integrantes dentro da TI [terra indígena] Vanuíre pra começar a falar de educação escolar indígena, feito e montado por indígenas. Daí começaram a aparecer vários, é, como que eu posso pôr? Vários artigos, várias lutas, em outros estados que já estavam funcionando a educação escolar indígena, feita por indígenas e administrada por indígenas. Então a gente viu assim, bom, se os nossos parentes estão conseguindo, por que a gente não vai

conseguir? E daí a gente fez uma articulação, dentro do Estado de São Paulo com várias outras aldeias que tava com o mesmo pensar de se fazer uma educação escolar indígena diferenciada, mas pra isso a gente teria que vencer várias barreiras, como: lei, garantir a Constituição Federal, passar por diversos artigos de Estados. Aí a primeira questão que surgiu foi: Mas no estado de São Paulo tem índios? Existem indígenas? Então a gente teve que provar pro MEC, Secretaria da Educação e pro Governo do Estado de São Paulo que no interior do estado de São Paulo e São Paulo existia terras indígenas, e que existia pessoas capazes pra ser professores nas reservas indígenas.

No ano de 2 mil e... 2001 a gente conseguiu implementar a educação escolar indígena dentro da aldeia, com formação específica feita pela USP, é, onde na nossa aldeia foram formados oito professores, se eu não me engano. E hoje a nossa resistência é a permanência dessa educação escolar indígena diferenciada e a elevação dela, e mostrar pros, pros daqui fora a importância dela, a importância do diferencial.

Na minha aldeia, na E.E.I. Índia Vanuíre, que é na Aldeia Vanuíre, é, a minha escola ela funciona de forma diferenciada. A gente faz o currículo por temas. Primeiro água, depois terra, globalização e fecha com sustentabilidade. A gente tá com essa implementação desse currículo faz três anos que a gente trabalha dessa forma. E alguns professores da rede conheceram o nosso currículo e assim, a gente fala sobre como a gente trabalha e como que a gente desenvolve o trabalho dentro das habilidades e competências que você tem que desenvolver no aluno, que o governo pede que você desenvolva no aluno. Então dentro dessas habilidades e competências a gente pega um gênero, que tem dentro da nossa aldeia, dentro da nossa cultura pra poder trabalhar com essa criança, mas não tirando ela e não isentando ela do mundo que tem aqui fora. Na verdade, esses currículos a gente trabalha pra preparar o nosso índio a enfrentar o mundo aqui fora. Porque o mundo aqui fora, a sociedade não indígena, ela tem o índio ainda de 1500, sabe? Como: o indígena não é capaz de nada, o indígena ele não tem raciocínio, o indígena ele é incapaz. Mas a gente prepara o nosso jovem para que ele mostre que ele é capaz sim, que, é, através desse currículo nosso, desse próprio currículo nosso que a gente pediu para que fosse desenvolvido, que o MEC nos apoiasse, que a

Secretaria de Educação nos apoiasse, a gente começou a mostrar pros nossos jovens que algumas das solicitações que eles querem pode ser garantida, pode ser, assim, ouvida, igual a nossa foi. E a gente tem relatos de professores da rede que vendo esse nosso trabalho por temas começou a desenvolver nas escolas deles também. E houve uma grande resposta, por quê? Porque quando você começa a trabalhar dentro desses temas, você tira a criança de dentro de quatro paredes, você abre o universo pra ela.

Então a escola dentro da aldeia pra nós foi uma evolução muito grande porque a defasagem das crianças é zero. A gente não tem aluno, é, sem tá frequentando a escola. Por quê? Porque eles tão num ambiente familiar. Ali todo, eles conhecem todo mundo, ali eles estão próximos de todo mundo, os professores tão ali 24 horas por dia com eles. Dentro da sala de aula nós somos professores, fora da escola a gente é um membro de comunidade que pode tá servindo como exemplo pra esse jovem. Então assim, a questão da educação dentro das TIs ela evolui muito na questão de caráter, é, de formação social do nosso indígena, de mostrar pra ele que ele é capaz e que tudo que ele pensa ele pode conseguir. Não tem mais essa limitação. Essa barreira a gente conseguiu derrubar através da, de trazer a educação escolar indígena pra dentro das aldeias. E dizer assim: "Ô índio, você é capaz!". Porque antes nós éramos ditos que nós não éramos capazes. Se a professora perguntava alguma coisa e você não respondia, aí ela já te dava um nome feio. Hoje não, hoje o professor ele, o professor indígena ele conhece o seu aluno, ele sabe o processo que o aluno tá passando, se ele é mais evoluído ou se ele é menos evoluído, e de que forma eu posso chegar nesse aluno que ele tem menos evolução, como que eu posso fazer ele evoluir com a participação do pai, da mãe, dos familiares, até mesmo da comunidade. Então você tem essa integração social toda, uma coisa que aqui fora na sociedade não indígena não tem, principalmente a participação do pai.